

ana jara

Marília de
Ninguém

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2024

Homilia ou Advertência preliminar

Imaginar um crime é uma forma de cometê-lo ou de ser vítima dele. Deriva no interior do criminoso e da vítima, esforço vão de ser outro em si mesma, e de dar voz ao indizível. Retomar um texto antigo e abandonado é como voltar à cena do crime.

Imaginar uma mutilação é uma forma de corte, incisão, decepção. Desastre no interior de Marília, do pai, do médico. Esforço incalculável de coragem dentro da covardia. E de criar corpo a partir da posta restante.

O texto é um acontecimento depois do qual a autora jamais será a mesma.

O eterno retorno à palavra cíclica que brota, flui, engrossa rio e devém mar.

A travessia do fluir açudeia aqui e ali contida por pedras, veredas, relevos do próprio passar, onde o contraste da violência com o amor romântico sustenta um nome – Marília de Dirceu.

O rio atravessa paisagens, rostos, cheias e estiagens em várias superfícies, a mesma travessia, sempre outra, nos vários corpos – de Marília, de Ninguém.

E como se fosse obra do acaso, o acontecimento urde a trama, enreda a autora e agora quer devorar o leitor.

Diálogo improvável.

Banquete para dois.



*Detém-te, vil humano;
Não espremas a cicuta
Para fazer-me dano.
O sumo, que ela dá, é pouco forte;
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.*

*Desce ao Reino profundo,
Ajunta aí venenos,
Que nunca visse o mundo:
Traze o negro licor, que têm nos dentes,
Nos dentes denegridos
As raivosas serpentes.*

(GONZAGA, Parte II, Lira XXVIII, 2023)¹

1 GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. Estabelecimento de texto de Heidi Strecker; introdução de Adma Muhana. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2023. Parte II, Lira XXVIII, pp. 188-189.



PARTE I

*Ornemos nossas testas com as flores;
E façamos de feno um brando leito;
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.*

(GONZAGA, Lira XVI, 2023)¹

1 GONZAGA, T. A., *op. cit.*, pp. 79-80.

Em dia de lua cheia, o cansaço atravessa o beco como um fiapo esfarrapado na barra da saia de Marília. Nos outros dias também, quando há cansaço, quando veste saia, quando o beco mal iluminado assusta e convida para o crime.

Marília atravessa o beco em silêncio e firme, as duas armas guardadas entre o umbigo e a calcinha, o bendito ventre, amém.

A casa está próxima, mas não o repouso. A louça suja, a roupa no tanque, a comida para o dia seguinte a esperam em silêncio e firme como o propósito da travessia do beco, a subida do morro, a porta entreaberta da casa de dona Januária, os gatos - que a esta hora caçam ratos e baratas e morrem envenenados por pessoas amarguradas e assassinas.

O beco é a clareira no meio da floresta das vielas medievais que tecem a trama descosida da vida na encosta, no sopé do céu que às vezes não se vê,

porque não tem janela,

não tem fresta,

não tem afastamento entre o amontoado de gente que mora neste pedaço desvalido da vida.

Não tem paisagem bucólica.

A clareira é o lugar onde Marília para e toma ar, respira fundo, escuta a batucada do coração ofegante de subir o morro, ofegante de medo dos perigos da noite. O demônio habita a clareira. Escondido pelas sombras que a lua cheia projeta nas paredes

E-MAIL: anacarmenjara@gmail.com

EDITOR A
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em janeiro de 2024.
